

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE IPORÁ-UNIPORÁ
CURSO DE PSICOLOGIA**

NICOLY GUIMARÃES MOREIRA RESENDE

**A RELAÇÃO ENTRE VÍNCULO AFETIVO FAMILIAR E DESEMPENHO
ESCOLAR EM CRIANÇAS**

**IPORÁ-GO
2025**

NICOLY GUIMARÃES MOREIRA RESENDE

**A RELAÇÃO ENTRE VÍNCULO AFETIVO FAMILIAR E DESEMPENHO ESCOLAR
EM CRIANÇAS**

Artigo apresentado à Banca Examinadora do
Curso de Psicologia do Centro Universitário de
Iporá-UNIPORÁ como exigência parcial para
obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof. Dyullia Moreira de Sousa

BANCA EXAMINADORA

Dyullia moreira de Sousa

Professor(a) Me. Dyullia Moreira de Sousa

Presidente da Banca e Orientadora

Tauana Michele Duarte Bezerra

Professor(a) Tauana Michele Duarte Bezerra

Antônio Mendes da Rocha Filho

Professor(a) Antônio Mendes da Rocha Filho

IPORÁ-GO

2025

A RELAÇÃO ENTRE VÍNCULO AFETIVO FAMILIAR E DESEMPENHO ESCOLAR EM CRIANÇAS

THE RELATIONSHIP BETWEEN FAMILY EMOTIONAL BOND AND ACADEMIC PERFORMANCE IN CHILDREN

Nicoly Guimarães Moreira Resende¹

Dyullia Moreira de Sousa²

RESUMO

O presente estudo objetiva analisar a influência do vínculo afetivo familiar no desempenho escolar de crianças no Ensino Fundamental I. Por meio de uma pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa, investigou-se como o suporte emocional, o diálogo e um ambiente familiar acolhedor atuam como fatores determinantes para a motivação e o sucesso acadêmico. A análise da literatura demonstra que a qualidade das relações familiares impacta diretamente a autoconfiança e a capacidade de aprendizagem da criança. Vínculos afetivos sólidos e um suporte parental consistente estão associados a um maior engajamento escolar e ao desenvolvimento de estratégias de aprendizagem mais eficazes. Em contrapartida, um contexto familiar fragilizado pode comprometer o desenvolvimento socioemocional e cognitivo, resultando em dificuldades de concentração e desmotivação. Conclui-se que a afetividade no seio familiar é um pilar essencial para a construção de uma trajetória escolar positiva, reforçando a necessidade de uma parceria sólida entre família e escola para o desenvolvimento integral do aluno.

Palavras-chave: Vínculo Afetivo. Desempenho Escolar. Relações Familiares. Desenvolvimento Infantil.

ABSTRACT

This study aims to analyze the influence of family emotional bonds on the school performance of children in Elementary Education I. Through a qualitative bibliographic research, it investigates how emotional support, communication, and a nurturing family environment act as determining factors for motivation and academic success. The

¹Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário de Iporá-UNIPORÁ, GO. Email:nicolyguimaraes27@gmail.com.

²Orientadora do TCC e professora de Psicologia pelo Centro Universitário de Iporá-UNIPORÁ, GO. Email:psi.dyullia@gmail.com.

literature review demonstrates that the quality of family relationships directly impacts children's self-confidence and learning ability. Strong emotional bonds and consistent parental support are associated with greater school engagement and the development of more effective learning strategies. Conversely, a weakened family context may compromise socio-emotional and cognitive development, resulting in difficulties with concentration and motivation. It is concluded that affection within the family environment is an essential pillar for building a positive educational path, reinforcing the need for a strong partnership between family and school for the student's holistic development.

Keywords: Emotional Bond. Academic Performance. Family Relationships. Child Development.

1 INTRODUÇÃO

A infância representa uma fase fundamental do desenvolvimento humano, marcada por descobertas, aprendizagens e construção de vínculos afetivos. Nesse período, a família exerce papel central, fornecendo suporte emocional e social que influencia diretamente a formação da personalidade e o desempenho escolar da criança. O ambiente familiar pode, portanto, funcionar como um fator de proteção ou de risco para o sucesso educacional.

O desempenho escolar não depende apenas da qualidade do ensino oferecido pela escola, mas também das condições emocionais e afetivas vivenciadas no seio familiar. Crianças que contam com apoio, incentivo e diálogo tendem a apresentar maior motivação para aprender, além de desenvolver maior confiança em suas capacidades. Em contrapartida, a ausência de vínculos sólidos e a presença de relações familiares frágeis podem comprometer o engajamento com a aprendizagem.

O vínculo afetivo familiar é construído a partir da convivência, do cuidado e do estímulo oferecido pelos responsáveis. Esse elo se reflete diretamente na autoestima e no desenvolvimento emocional da criança, que, por sua vez, impacta sua postura diante das exigências escolares. Nesse sentido, surge o questionamento central deste estudo: de que maneira o vínculo afetivo familiar interfere no desempenho escolar de crianças do Ensino Fundamental I?

A discussão do tema é importante porque envolve tanto aspectos emocionais quanto sociais. O desempenho escolar não é apenas um reflexo da aprendizagem

formal, mas também do apoio recebido no contexto familiar. Assim, investigar essa relação pode ajudar a identificar fatores que contribuem para o sucesso ou para o fracasso escolar, possibilitando intervenções eficazes em benefício da criança.

Portanto, este trabalho propõe analisar como a qualidade do vínculo afetivo familiar interfere no desempenho escolar de crianças, buscando compreender de que forma o apoio emocional fornecido pela família influencia a motivação, a concentração e os resultados acadêmicos. Como objetivos específicos, pretende-se compreender o processo de aprendizagem infantil nos anos iniciais do Ensino Fundamental, analisar o papel da família nesse processo considerando suas diferentes estruturas, desigualdades e implicações no fracasso escolar, e propor reflexões sobre a importância da parceria entre família e escola, ressaltando a atuação do psicólogo escolar e das políticas públicas no fortalecimento desse vínculo, contribuindo para o debate sobre a importância da afetividade na formação educacional.

1.1 REVISÃO TEÓRICA

1.1.1 Desenvolvimento infantil e os processos de aprendizagem nos anos iniciais.

A infância representa um momento fundamental em nossa jornada, pois é nessa fase que começamos a formar nossas primeiras noções sobre o mundo, os acontecimentos e as pessoas ao nosso redor. Por essa razão, é essencial que as crianças sejam incentivadas a viver momentos de carinho e a interagir umas com as outras. Isso permite que elas compartilhem experiências e ideias, aprendendo a importância do respeito mútuo e da valorização de cada indivíduo. A ausência desse estímulo pode acabar atrapalhando o progresso e a capacidade de aprendizado do aluno na escola (Piovesan *et al.*, 2018).

Além das perspectivas clássicas, a teoria das Inteligências Múltiplas de Howard Gardner oferece uma visão mais ampla sobre o potencial de aprendizagem infantil. Gardner (1994) argumenta que a inteligência não é uma capacidade única e geral, mas um conjunto de diferentes competências que se manifestam de formas variadas em cada indivíduo. Essa abordagem nos convida a reconhecer e a valorizar as diversas habilidades que as crianças trazem para o ambiente escolar, para além das aptidões lógico-matemática e linguística, tradicionalmente privilegiadas.

Ao considerar as múltiplas inteligências, a escola pode criar um ambiente de aprendizagem mais inclusivo e estimulante, que contemple as diferentes formas de aprender e de se expressar. Atividades que envolvem música, artes visuais, movimento corporal e interação social, por exemplo, podem ser tão importantes para o desenvolvimento cognitivo quanto as atividades mais tradicionais. Dessa forma, a escola passa a oferecer oportunidades para que todas as crianças desenvolvam seus talentos e potencialidades, fortalecendo sua autoestima e sua motivação para aprender (Gardner, 1994).

Outra contribuição fundamental para a compreensão do desenvolvimento infantil vem da neurociência, especialmente dos estudos de Daniel J. Siegel. Siegel e Bryson (2012) destacam a importância de integrar as diferentes partes do cérebro da criança para promover um desenvolvimento saudável e equilibrado. Eles explicam como as experiências vividas na infância, especialmente as interações com os cuidadores, moldam a arquitetura cerebral e influenciam a forma como a criança aprende a lidar com as emoções, a se relacionar com os outros e a enfrentar os desafios da vida.

Ademais, a perspectiva da Teoria Histórico-Cultural oferece uma compreensão profunda sobre como as relações sociais medeiam o processo de desenvolvimento humano. Segundo essa abordagem teórica, o desenvolvimento infantil não pode ser compreendido como um processo meramente biológico e natural, mas sim como resultado da interação complexa entre fatores biológicos e socioculturais. As crianças são consideradas sujeitos ativos durante o processo de aprendizagem, não apenas receptores passivos de informações, o que ressalta a importância das mediações sociais no ambiente educacional (Stürmer; Umbelino, 2020).

O processo de aprendizagem infantil deve ser compreendido como uma experiência dinâmica, em que desafios e obstáculos não configuram limitações definitivas, mas oportunidades de desenvolvimento. Nesse sentido, estudos apontam que “a criança não apresenta uma dificuldade de aprendizagem, mas sim a enfrenta, por ser um sujeito ativo durante o processo” (Stürmer; Umbelino, 2020, p. 1). Assim, a ênfase recai sobre o protagonismo do aluno, que ao se deparar com dificuldades, mobiliza estratégias próprias para superá-las, reforçando sua autonomia e capacidade de construção do conhecimento.

O desenvolvimento cognitivo infantil configura-se como um alicerce essencial para a formação integral da criança, envolvendo habilidades como pensamento, raciocínio, abstração, linguagem, memória, atenção e criatividade. Durante os anos iniciais do ensino fundamental, as crianças passam por transformações significativas em suas capacidades cognitivas, desenvolvendo competências fundamentais para a interação com o mundo e com as pessoas ao seu redor. Esse período é caracterizado por uma grande plasticidade cerebral, o que torna as experiências de aprendizagem particularmente impactantes para o desenvolvimento futuro (Nascimento, 2009).

A neurociência comprova que o cérebro da criança pequena possui uma plasticidade extraordinária, estando sempre aprendendo e sendo sensível a modificações do ambiente. Essa característica neurobiológica fundamenta a importância de proporcionar experiências ricas e estimulantes durante os primeiros anos de vida, pois é nesse período que se estabelecem as bases neurais para aprendizagens futuras. O desenvolvimento cognitivo não ocorre de forma isolada, mas está intrinsecamente relacionado ao desenvolvimento emocional e social da criança (Twardosz, 2012).

O percurso formativo da criança envolve múltiplos fatores que vão além da simples aquisição de conteúdos escolares, sendo resultado de um equilíbrio entre predisposições internas e estímulos externos. Nesse contexto, “o desenvolvimento e aprendizagem são processos dinâmicos que refletem a complexa interação entre as características biológicas da criança e o ambiente” (Twardosz, 2012, p. 92). Dessa forma, compreender essa interação é essencial para que educadores e famílias possam criar condições favoráveis ao crescimento integral, respeitando tanto os limites, quanto as potencialidades de cada indivíduo.

Os processos cognitivos constituem elementos fundamentais para uma educação crítica e significativa, sendo essencial o uso instrucional de recursos e competências cognitivas desde a educação básica. A compreensão desses processos permite aos educadores desenvolverem estratégias pedagógicas mais eficazes, que respeitem o funcionamento natural do cérebro e promovam o engajamento dos estudantes. Isso contribui para a promoção de uma educação mais efetiva e para o desenvolvimento de habilidades de pensamento crítico e resolução de problemas (Nascimento, 2009).

O desenvolvimento infantil e os processos de aprendizagem nos anos iniciais revelam-se, portanto, como fenômenos complexos e interdependentes, em que fatores biológicos, cognitivos, emocionais e sociais se entrelaçam na formação integral da criança. Contudo, para que esse processo se concretize de maneira plena, é indispensável reconhecer o papel do núcleo familiar como ambiente primário de estímulos e afeto. A família, ao oferecer suporte emocional, estabilidade e incentivo às práticas educativas, torna-se peça central na consolidação das habilidades adquiridas na escola e na mediação dos desafios cotidianos. Assim, compreender a aprendizagem infantil exige também a análise da influência familiar, tema que será aprofundado no próximo tópico.

1.1.2 A família como base do desenvolvimento: suporte familiar e impactos na aprendizagem.

O conceito de família tem se transformado ao longo da história, hoje a família socioafetiva, estruturada no zelo e na responsabilidade mútua, ganha cada vez mais destaque. Independentemente da configuração, o que define uma família é o vínculo afetivo que une seus membros. É esse laço de afeto que proporciona a segurança e o acolhimento necessários para que a criança se desenvolva de forma saudável e confiante, refletindo positivamente em seu desempenho escolar (Rosas, 2019).

A família é o primeiro e mais influente ambiente de socialização da criança, sendo fundamental para o seu desenvolvimento integral. A qualidade dos vínculos afetivos estabelecidos nesse núcleo primário reverbera diretamente em diversas áreas da vida infantil, incluindo o desempenho escolar. O suporte emocional e a segurança proporcionados por relações familiares saudáveis são fundamentais para que a criança desenvolva a autoconfiança e a motivação necessárias para enfrentar os desafios do ambiente acadêmico, impactando sua trajetória educacional de maneira decisiva (Rosas, 2019).

O suporte familiar é um construto que engloba dimensões como afeto, autonomia e adaptação, sua presença é um forte indicativo de um ambiente propício ao aprendizado. Quando a família oferece proteção, diálogo e demonstra interesse pela vida escolar dos filhos, ela constrói uma base sólida para o desenvolvimento de competências socioemocionais e cognitivas. Essa estrutura de apoio é essencial para

que o aluno se sinta seguro e amparado para explorar seu potencial e superar as dificuldades que surgem no percurso escolar (Guidetti; Martinelli, 2017).

A percepção de um suporte familiar consistente está diretamente associada a uma maior motivação para aprender e ao uso de estratégias de aprendizagem mais eficazes. Alunos que se sentem amparados por suas famílias tendem a desenvolver um vínculo mais forte não apenas com os familiares, mas também com os estudos. Esse sentimento de pertencimento e segurança fomenta a motivação intrínseca, levando-os a se engajarem mais profundamente nas atividades escolares e a buscarem ativamente o conhecimento (Castro; Miranda; Leal, 2016).

O ambiente familiar, quando rico em estímulos e interações positivas, contribui significativamente para o desempenho acadêmico, especialmente em áreas como a escrita. Estudos demonstram que recursos do ambiente familiar como passeios em família, livros e revistas, jogos pedagógicos, entre outros, apresentam correlação significativa com o desempenho escolar na escrita de alunos do 5º ano do ensino fundamental. Essas experiências compartilhadas não apenas fortalecem os laços afetivos, mas também ampliam o repertório cultural e cognitivo da criança (Ribeiro; Ciasca; Capellato, 2016).

O suporte oferecido pela família pode ser um fator determinante para o sucesso na aquisição de habilidades de leitura. Pesquisas indicam que o suporte familiar, especialmente nas dimensões de autonomia e adaptação familiar, está correlacionado com o desempenho de leitura em crianças de 8 a 10 anos. Quando os pais incentivam a autonomia dos filhos e se adaptam às suas necessidades individuais, eles criam um ambiente que favorece o desenvolvimento de competências essenciais para a aprendizagem (Costa; Montiel; Bartholomeu, 2016).

A motivação do aluno é um fator central para a qualidade da sua aprendizagem. A Teoria da Autodeterminação³ diferencia a motivação intrínseca⁴ e extrínseca, sendo que os alunos intrinsecamente motivados se envolvem nas tarefas pelo prazer de aprender e tendem a usar estratégias de estudo mais profundas e eficazes. O suporte

³A Teoria da Autodeterminação explica que a motivação humana depende do grau de autonomia, competência e vínculo social. Distingue-se a motivação intrínseca, guiada pelo prazer e interesse pessoal, da extrínseca, movida por recompensas ou pressões externas.

⁴A motivação intrínseca refere-se ao impulso interno que leva o indivíduo a agir por prazer, interesse ou satisfação pessoal na própria atividade. Já a motivação extrínseca decorre de fatores externos, como recompensas, reconhecimento ou medo de punições. Em resumo, a primeira nasce do desejo de aprender e realizar, enquanto a segunda depende de estímulos externos para ocorrer.

familiar, ao promover a autonomia e o sentimento de competência, fortalece a motivação intrínseca, tornando o aprendizado um processo mais significativo e prazeroso para a criança (Ryan; Deci, 2017).

O estabelecimento de vínculos seguros e afetuosos é um processo fundamental para a internalização de valores e regulações sociais, o que otimiza a motivação no contexto escolar. Quando a criança se sente vinculada e apoiada pela família, ela tende a internalizar as metas e os valores relacionados à educação. Esse processo de internalização é essencial para o desenvolvimento da autorregulação e para que o aluno se sinta mais comprometido e engajado com sua própria trajetória de aprendizagem (Maieski *et al.*, 2017).

O aluno com bom suporte familiar se sente mais vinculado à família e aos estudos, aumentando a probabilidade de apresentar maior motivação para aprender e utilizar estratégias de aprendizagem mais eficazes. Essa conexão entre suporte familiar e engajamento acadêmico demonstra como as relações afetivas positivas no ambiente doméstico se traduzem em benefícios concretos para o desempenho escolar. A família funciona como uma base segura a partir da qual a criança pode explorar o mundo acadêmico com confiança (Burgos *et al.*, 2021).

Portanto, a família consolida-se como o primeiro espaço de pertencimento e suporte, capaz de influenciar de maneira decisiva o desenvolvimento emocional, social e cognitivo da criança. O afeto, o incentivo e a segurança oferecidos nesse núcleo formam a base para que o estudante se sinta motivado e confiante em sua trajetória escolar. Contudo, mesmo diante de ambientes familiares acolhedores, muitas crianças ainda enfrentam obstáculos que comprometem seu desempenho acadêmico. Esses desafios revelam a importância de compreender como as dificuldades de aprendizagem se articulam com a dimensão afetiva no contexto escolar, questão que será aprofundada no próximo tópico.

1.1.3 Dificuldades de aprendizagem e a dimensão afetiva no contexto escolar.

As dificuldades de aprendizagem não devem ser vistas apenas como uma falha individual do aluno, mas como o resultado de uma complexa interação de fatores que envolvem a família, a escola e o contexto social. Muitas vezes, problemas de

rendimento escolar estão associados a questões afetivas e emocionais que se originam em um ambiente familiar fragilizado, este que por sua vez pode ser consequência das desigualdades sociais. Portanto, é fundamental que a escola e os educadores tenham um olhar atento para a dimensão afetiva do aluno, buscando compreender suas necessidades em sua totalidade (Anacleto, 2016).

Maria Helena Souza Patto desenvolveu uma crítica fundamental à lógica de culpabilização individual que permeia as explicações tradicionais sobre o fracasso escolar. A autora demonstra como essa perspectiva individualizante mascara as verdadeiras causas estruturais das desigualdades educacionais, deslocando o foco das condições sociais, econômicas e políticas que produzem sistematicamente o fracasso de determinados grupos sociais para supostas inadequações pessoais dos alunos e suas famílias (Patto, 2022). A pesquisadora ainda evidencia como a psicologia escolar tradicional, ao adotar teorias da privação cultural e déficits individuais, acaba por legitimar e perpetuar as desigualdades sociais, transformando questões de justiça social em problemas técnicos ou patologias individuais. Sua contribuição é essencial para compreender como os mecanismos de exclusão escolar operam de forma sutil, mas eficaz, na manutenção das hierarquias sociais, propondo uma psicologia escolar crítica que reconheça o caráter político e ideológico das práticas educacionais (Patto, 2022).

A qualidade das relações afetivas no ambiente familiar exerce influência direta sobre o desempenho escolar dos indivíduos. Segundo os autores, quando há vínculos familiares positivos, marcados por apoio emocional, diálogo e segurança, observam-se efeitos favoráveis no aprendizado e na motivação dos estudantes. Em contrapartida, relações afetivas conflituosas ou distantes tendem a gerar impactos negativos, refletindo-se em dificuldades de concentração, queda no rendimento e menor engajamento com as atividades escolares (Eltink; Chicanelli; Almeida, 2024).

O espaço escolar precisa ser um ambiente acolhedor e sensível às necessidades dos estudantes, que muitas vezes chegam à sala de aula carregando frustrações e angústias de seu contexto familiar. A afetividade, nesse sentido, torna-se um elemento central no processo pedagógico, pois um aluno com o emocional abalado dificilmente terá interesse e disposição para aprender. A construção de um vínculo afetivo positivo entre professor e aluno pode ser um fator de proteção e um catalisador para a aprendizagem (Franco, 2016).

O vínculo afetivo estabelecido com o outro é o que impulsiona o desejo de proximidade e bem-estar mútuo, contribuindo para o crescimento individual e coletivo. Nas relações humanas, especialmente no contexto educacional, a afetividade desempenha um papel crucial na construção de um ambiente de confiança e colaboração. Quando o aluno se sente acolhido e valorizado, ele se torna mais receptivo ao conhecimento e mais disposto a participar ativamente do processo de ensino-aprendizagem (Corrêa, 2017).

O suporte familiar é um dos pilares para o desenvolvimento de competências acadêmicas, afetivas e sociais. A participação ativa dos pais na vida escolar dos filhos, oferecendo apoio e incentivo, está diretamente relacionada a um melhor desempenho e a uma maior adaptação ao ambiente escolar. A parceria entre família e escola é, portanto, fundamental para garantir que a criança receba o suporte necessário para se desenvolver de forma plena e alcançar seu potencial máximo (Burgos *et al.*, 2021).

O baixo rendimento escolar pode estar associado a questões afetivas que, muitas vezes, não são devidamente compreendidas por educadores e familiares. O comportamento do aluno em sala de aula é um reflexo de seu estado emocional, e a falta de interesse ou a dificuldade de concentração podem ser sinais de que algo não vai bem em seu mundo interno. Por isso, é essencial que o professor esteja atento a esses sinais e busque estabelecer uma relação de empatia e confiança com o aluno (Schroeider, 2019).

Intervenções multifamiliares realizadas em escolas demonstram que o uso de recursos expressivos pode contribuir para fortalecer o suporte oferecido pelas famílias a estudantes em situação de dificuldades acadêmicas. Essas práticas, ao incorporarem atividades como desenho, contação de histórias, escrita criativa, sucata, argila e música, favorecem a criação de um espaço lúdico e descontraído, no qual emoções são exteriorizadas e vínculos afetivos são reforçados. Nesse ambiente, pais e filhos passam a valorizar mais o convívio familiar, desenvolvem atitudes de apoio mútuo e reconhecem a importância da participação conjunta na vida escolar, o que repercute diretamente na melhora do desempenho educacional dos adolescentes envolvidos (Pozzobon; Marin, 2021).

A afetividade na relação professor-aluno constitui-se elemento inseparável do processo de ensino e aprendizagem, sendo fundamental para a criação de um ambiente propício ao desenvolvimento cognitivo e emocional. A dimensão afetiva

permeia todas as interações educacionais, influenciando diretamente a motivação, o engajamento e os resultados de aprendizagem dos estudantes. Quando há uma relação afetiva positiva, observa-se maior disposição para aprender e melhor aproveitamento das oportunidades educacionais (Sarnoski, 2014).

Ainda de acordo com Sarnoski (2014, p. 1):

A afetividade no ambiente escolar contribui para o processo ensino-aprendizagem considerando uma vez, que o professor não apenas transmite conhecimento, mas também ouve seus alunos e ainda estabelece uma relação de troca, essa troca deve ser permeada de afeto. Precisamos não só ensinar o currículo, mas ensinar a amar, a ter empatia com o outro, e isso só se dá através do afeto e da afetividade. Para isso precisamos do envolvimento da família, porque é primeiramente no âmbito familiar que a criança receberá amor, e do lúdico, pois é através do lúdico que podemos ensinar com afeto. A afetividade é uma condição indispensável de relacionamento do homem com o mundo, as relações humanas ainda que complexas são elementos fundamentais de um indivíduo.

Assim, a compreensão da dimensão afetiva no contexto escolar requer o reconhecimento de que cognição e emoção são processos interconectados e interdependentes. As emoções influenciam diretamente os processos cognitivos, afetando a atenção, a memória, o raciocínio e a tomada de decisões. Por isso, é fundamental que as práticas pedagógicas considerem não apenas os aspectos cognitivos da aprendizagem, mas também as necessidades emocionais dos estudantes, criando um ambiente educacional mais humanizado e eficaz (Mahoney; Almeida, 2005).

Dessa forma, compreender as dificuldades de aprendizagem sob a ótica da dimensão afetiva permite ampliar o olhar para além do desempenho acadêmico e reconhecer o aluno em sua integralidade. Quando escola e família se unem para oferecer um ambiente acolhedor, que valorize a expressão emocional e o vínculo de confiança, cria-se um espaço fértil para que a criança supere obstáculos e desenvolva plenamente suas capacidades. Mais do que transmitir conteúdos, o desafio está em formar sujeitos críticos, autônomos e emocionalmente fortalecidos, capazes de enfrentar com resiliência os desafios escolares e sociais ao longo de sua trajetória.

2 MATERIAL E MÉTODOS

A presente investigação caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, de natureza qualitativa e de caráter exploratório. Esse tipo de pesquisa tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, buscando torná-lo mais explícito,

esclarecer, delimitar ou construir hipóteses. A abordagem exploratória permite ao pesquisador aprofundar a compreensão do tema e identificar novos aspectos que possam contribuir para a análise proposta.

O levantamento de informações será realizado em livros, artigos científicos, dissertações e teses disponíveis em bases reconhecidas, como SciELO, CAPES e Google Acadêmico. Para assegurar a atualidade e a relevância das discussões, serão priorizados estudos publicados nos últimos quinze anos que abordem a infância, a família e o rendimento escolar. Os critérios de seleção envolverão a pertinência ao objeto de estudo e a qualidade científica das produções.

A escolha pelo enfoque qualitativo decorre da necessidade de interpretar significados e compreender a profundidade dos impactos das relações afetivas no contexto educacional, em vez de se limitar à mensuração de dados numéricos. Dessa forma, a investigação busca compreender o fenômeno a partir de uma perspectiva subjetiva e contextualizada, considerando as particularidades das experiências humanas envolvidas. Assim, a pesquisa combina o caráter exploratório, que favorece a descoberta e o aprofundamento teórico, com a natureza bibliográfica, que possibilita a construção de uma base conceitual consistente para a análise dos resultados.

A análise dos dados seguirá categorias temáticas previamente definidas, como vínculo afetivo, motivação, dificuldades escolares e estratégias de apoio familiar. Essa estrutura de organização permitirá interpretar os resultados encontrados na literatura de forma clara, coerente e fundamentada, garantindo que as conclusões reflitam uma visão abrangente e crítica sobre o fenômeno estudado.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Antes de apresentar os resultados das pesquisas analisadas, faz-se necessário contextualizar as principais categorias que orientam esta discussão: vínculo afetivo, motivação, dificuldades escolares e estratégias de apoio familiar. O vínculo afetivo refere-se à qualidade das relações emocionais estabelecidas entre a criança e seus familiares, as quais exercem influência direta sobre seu desenvolvimento cognitivo e socioemocional. Essa relação de segurança e confiança constitui a base para o aprendizado significativo, pois permite que a criança explore o ambiente escolar com autonomia e curiosidade.

A motivação, por sua vez, emerge como consequência desse vínculo, sendo alimentada pelo reconhecimento, encorajamento e apoio recebidos no contexto familiar. Uma família que valoriza o esforço e estimula o interesse pelo conhecimento contribui para a construção de uma atitude positiva frente aos desafios acadêmicos.

Por outro lado, as dificuldades escolares podem assumir diferentes formas, envolvendo aspectos cognitivos, como dificuldades de leitura e escrita e baixo rendimento; afetivo-emocionais, como desmotivação e baixa autoestima; comportamentais, como desatenção; e contextuais, relacionadas à falta de rotina e de recursos no lar (Costa *et al.*, 2016; Eltink; Chicanelli; Almeida, 2024). O estudo de Costa *et al.* (2016) evidenciou que o desempenho inferior em língua portuguesa estava ligado à ausência de suporte familiar estruturado, enquanto Ribeiro, Ciasca e Capellato (2016) destacaram que a falta de estímulos e materiais educativos prejudica o desenvolvimento da leitura e da escrita.

Diante disso, as estratégias de apoio familiar mostram-se fundamentais, abrangendo práticas como ler com a criança, supervisionar tarefas, incentivar a autonomia e manter diálogo constante (Costa *et al.*, 2016; Guidetti; Martinelli, 2017). A oferta de recursos pedagógicos em casa e o acolhimento emocional também fortalecem a motivação e o vínculo afetivo, enquanto atitudes autoritárias ou a falta de escuta podem agravar o desinteresse e o baixo desempenho (Eltink; Chicanelli; Almeida, 2024). Assim, o diálogo, a valorização do esforço e a parceria entre família e escola configuram-se como práticas essenciais para superar as dificuldades e promover um desenvolvimento integral da criança.

Uma pesquisa realizada por Costa *et al.* (2016) com 102 alunos do Ensino Fundamental I de uma escola pública no Maranhão demonstrou a importância do suporte familiar para o desenvolvimento da aprendizagem. Os participantes tinham idades variando entre 8 a 10 anos, e foram avaliados por meio do Inventário de Percepção de Suporte Familiar e de testes de desempenho em leitura e escrita. Os resultados indicaram que a percepção de um ambiente familiar que promove autonomia e que se adapta às necessidades de seus membros está diretamente ligada a um melhor desempenho em português. Especificamente, as dimensões de autonomia familiar e adaptação familiar explicaram significativamente as variações no desempenho dos alunos. Assim, um estudante que percebe sua família como um espaço que lhe confere liberdade e confiança, ao mesmo tempo que se mostra flexível

e coeso, tende a apresentar melhores resultados na aprendizagem da leitura e da escrita.

A pesquisa de Eltink, Chicanelli e Almeida (2024), que realizou uma revisão integrativa da literatura, corrobora essa perspectiva ao concluir que relações afetivas familiares positivas resultam em consequências igualmente positivas no desempenho escolar, enquanto vínculos negativos o afetam de maneira adversa. Essa conclusão, derivada da análise de múltiplos estudos, reforça a ideia de que o ambiente familiar não é um mero pano de fundo, mas um agente ativo na trajetória educacional da criança, moldando sua disposição para aprender e sua capacidade de superar desafios acadêmicos.

A fundamentação teórica sobre o desenvolvimento infantil oferece um suporte robusto a esses achados. A teoria das Inteligências Múltiplas de Gardner (1994) sugere que um ambiente familiar que valoriza e estimula diversas competências, para além das tradicionalmente exigidas pela escola, fortalece a autoestima da criança. De forma complementar, os estudos da neurociência, como os de Siegel e Bryson (2012), demonstram que as interações afetivas moldam a arquitetura cerebral, impactando a regulação emocional e a capacidade de concentração, habilidades indispensáveis para a aprendizagem. Assim, um vínculo familiar seguro e afetuoso contribui para a integração cerebral, otimizando os processos cognitivos que sustentam o desempenho escolar.

Além do núcleo familiar, a dimensão afetiva no contexto escolar, especialmente na relação professor-aluno, surge como um fator relevante. Conforme apontado por Franco (2016) e Sarnoski (2014), a escola pode funcionar como um espaço de acolhimento e proteção, onde um vínculo de confiança com o educador pode mitigar os impactos de um ambiente familiar desfavorável. Quando o professor estabelece uma relação de empatia e afeto, o aluno sente-se mais seguro e motivado, o que pode transformar sua relação com o conhecimento e a aprendizagem, servindo como um contraponto a possíveis carências afetivas vivenciadas em casa.

A motivação para aprender, um dos eixos centrais desta discussão, é profundamente influenciada pelo suporte familiar. Estudos como os de Guidetti e Martinelli (2017) e Castro, Miranda e Leal (2016) mostram que o apoio dos pais fomenta a motivação intrínseca, ou seja, o desejo de aprender pelo prazer e pela satisfação pessoal, em detrimento da motivação extrínseca, baseada em

recompensas ou punições. Uma criança que recebe incentivo, cujos esforços são valorizados e que participa de atividades estimulantes em família, como as descritas por Ribeiro, Ciasca e Capellato (2016), tende a desenvolver uma relação mais autônoma e engajada com os estudos.

Em síntese, a discussão dos resultados aponta para uma compreensão sistêmica do desempenho escolar, que transcende a visão reducionista de culpar o aluno por seu sucesso ou fracasso, uma crítica já consolidada por Patto (2022). O rendimento acadêmico é, na verdade, o resultado da interação dinâmica entre as características individuais da criança, a qualidade dos vínculos afetivos familiares e todo o contexto social que permeia o ambiente escolar. A família, ao prover uma base emocional segura, e a escola, ao oferecer um espaço de acolhimento e estímulo, constituem os pilares que sustentam não apenas a aprendizagem de conteúdos, mas a formação de um indivíduo autônomo, confiante e resiliente.

Os resultados analisados indicam que a atuação conjunta entre família e escola é fundamental para o enfrentamento das dificuldades escolares e para o fortalecimento dos vínculos afetivos que sustentam a aprendizagem. Quando há diálogo e cooperação entre esses contextos, observa-se maior engajamento da criança, melhor adaptação emocional e avanços significativos no desempenho acadêmico. Práticas pedagógicas que valorizam o acolhimento, a escuta ativa e a construção de vínculos de confiança mostram-se eficazes para promover um ambiente educativo mais integrador e sensível às necessidades individuais dos alunos.

Para concluir, observa-se que a relação entre vínculo afetivo familiar e desempenho escolar em crianças revela-se como um campo de estudo de grande relevância, pois envolve tanto aspectos emocionais quanto pedagógicos do desenvolvimento infantil. A análise dos diferentes estudos evidencia que a família não atua apenas como um espaço de cuidado, mas como mediadora essencial na construção de competências cognitivas, socioemocionais e motivacionais. Nesse sentido, compreender como o suporte familiar influencia a trajetória acadêmica possibilita a elaboração de práticas mais eficazes, tanto no âmbito escolar quanto no familiar, contribuindo para a formação integral da criança e para a construção de um ambiente educativo que valorize o afeto, a cooperação e o fortalecimento de vínculos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou analisar de que maneira o vínculo afetivo familiar interfere no desempenho escolar de crianças, partindo do pressuposto de que a dimensão afetiva é um componente indissociável do processo de aprendizagem. A pesquisa bibliográfica permitiu constatar que a qualidade do suporte emocional oferecido pela família exerce uma influência direta e significativa sobre a motivação, a autoconfiança e, consequentemente, os resultados acadêmicos dos filhos, reafirmando a centralidade das relações familiares no desenvolvimento infantil.

Ao longo do estudo, evidenciou-se que um ambiente familiar caracterizado pelo afeto, pelo diálogo e pelo incentivo à autonomia funciona como um fator de proteção, promovendo a segurança emocional necessária para que a criança explore seu potencial e enfrente os desafios escolares. A presença de um vínculo sólido com os pais ou responsáveis fortalece a autoestima do aluno e fomenta uma motivação intrínseca para aprender, elementos que se revelaram mais determinantes para o sucesso escolar do que a mera cobrança por resultados.

Esses achados evidenciam a importância de a escola reconhecer o aluno em sua totalidade, levando em conta seu contexto familiar e emocional. A parceria entre família e escola é essencial para alinhar estratégias e oferecer um suporte conjunto à criança. Ações baseadas no acolhimento, na escuta e no fortalecimento de vínculos contribuem para um ambiente educativo mais humanizado e favorecem o desenvolvimento integral dos estudantes.

Reconhece-se que, por se tratar de uma revisão bibliográfica, o estudo apresenta um panorama teórico sobre o tema. Sugere-se, para futuras investigações, a realização de pesquisas de campo, como estudos de caso ou levantamentos longitudinais, que possam aprofundar a compreensão dessa dinâmica em contextos específicos, ouvindo diretamente as crianças, suas famílias e educadores. Tais estudos poderiam fornecer dados qualitativos e quantitativos mais robustos sobre as estratégias de suporte familiar que se mostram mais eficazes.

Por fim, conclui-se que a valorização da afetividade nas relações humanas, seja no âmbito familiar ou escolar, é um investimento essencial na formação de indivíduos mais seguros, resilientes e preparados para os desafios da vida. Compreender que o desempenho escolar é um reflexo de um complexo ecossistema de relações afetivas

nos convida a repensar práticas e a humanizar processos, garantindo que cada criança tenha a base necessária não apenas para aprender, mas para se desenvolver como um ser humano completo e confiante em suas capacidades.

REFERÊNCIAS

- ANACLETO, Julia Maria Borges. **Relação ensino-aprendizagem e a impossibilidade da educação.** Estilos clin. vol.21 no.1 São Paulo abr. 2016.
- BURGOS, M. N.; INÁCIO, A. L. M.; OLIVEIRA, K. L.; BAPTISTA, M. N. **Suporte familiar como possível preditor das estratégias e da motivação para aprender.** Psicologia Escolar e Educacional, v. 25, e227267, 2021.
- BREVIÁRIO, Álaze Gabriel. **Os três pilares da metodologia da pesquisa científica: o estado da arte.** Editora Appris, 2021.
- CASTRO, J. X.; MIRANDA, G. J.; LEAL, E. A. **Estratégias de aprendizagem dos estudantes motivados.** Advances in Scientific and Applied Accounting, v. 9, n. 1, p. 80-97, 2016.
- CORRÊA, Crístia Rosineiri Gonçalves Lopes. **A relação entre desenvolvimento humano e aprendizagem:** perspectivas teóricas. Psicologia Escolar e Educacional, SP. Volume 21, Número 3, Setembro/Dezembro de 2017.
- COSTA, K.; MONTIEL, J. M.; BARTHOLOMEU, C. S. M. **Percepção do suporte familiar e desempenho em leitura e escrita de crianças do ensino fundamental.** Revista Psicopedagogia, v. 33, n. 101, p. 154-163, 2016.
- ELTINK, C. F.; CHICANELLI, A. C.; ALMEIDA, T. L. **Afeto familiar e desempenho escolar de crianças no ensino fundamental I:** uma revisão integrativa. Prometeica – Revista de Filosofia y Ciencias, n. 29, p. 348-365, 2024.
- FRANCO, Maria Amélia do Rosário Santoro. **Prática pedagógica e docência:** um olhar a partir da epistemologia do conceito. Rev. Bras. Estud. Pedagog. vol.97 no.247 Brasília Sept./Dec. 2016.
- GARDNER, Howard. **Estruturas da mente:** a teoria das inteligências múltiplas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- GUIDETTI, A. A.; MARTINELLI, S. C. **Percepções infantis:** relações entre motivação escolar e suporte familiar. PsicoUSF, v. 22, n. 3, p. 515-525, 2017.
- MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L. R. **Afetividade e processo ensino-aprendizagem:** contribuições de Henri Wallon. Psicologia da Educação, São Paulo, n. 20, p. 11-30, 2005.
- MAIESKI, S.; OLIVEIRA, K. L.; BELUCE, A. C.; RUFINI, S. E. **Motivação de alunos do ensino fundamental:** estudo de duas realidades culturais. Psicologia Escolar e Educacional, v. 21, n. 3, p. 601-608, 2017.
- NASCIMENTO, R. O. **Processos cognitivos como elementos fundamentais para uma educação crítica.** Ciências & Cognição, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 125-138, 2009.

PATTO, Maria Helena Souza (org.). **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia.** 5. ed. rev. e ampl. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2022.

PEROVANO, Dalton Gean. **Manual de metodologia da pesquisa científica.** Editora Intersaber, 2016.

PIOVESAN, Josieli; OTTONELLI, Juliana Cerutti. BORDIN, Jussania Basso; PIOVESAN, Laís. **Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem.** 1. ed. Santa Maria, RS : UFSM, NTE, 2018.

POZZOBON, M.; MARIN, A. H. **Recursos expressivos e desempenho escolar: intervenção em grupo multifamiliar.** Revista de Psicología, v. 30, n. 2, p. 1-15, 2021.

RIBEIRO, R.; CIASCA, S. M.; CAPELATTO, I. V. **Relação entre recursos familiares e desempenho escolar de alunos do 5º ano do ensino fundamental de escola pública.** Revista Psicopedagogia, v. 33, n. 101, p. 164-174, 2016.

ROSAS, J. **O afeto como elemento transformador do conceito de família.** In: Associação Brasileira de Psicologia Jurídica. *Cadernos de psicologia jurídica: psicologia na prática jurídica*. São Luís: UNICEUMA, 2019.

RYAN, R. M.; DECI, E. L. **Self-determination theory: basic psychological needs in motivation, development, and wellness.** New York: Guilford Publications, 2017.

SARNOSKI, E. A. **Afetividade no processo ensino-aprendizagem.** Revista de Educação do IDEAU, Caxias do Sul, v. 9, n. 20, p. 145-162, 2014.

SIEGEL, Daniel J.; BRYSON, Tina Payne. **O cérebro da criança: 12 estratégias revolucionárias para nutrir a mente em desenvolvimento do seu filho e ajudar sua família a prosperar.** São Paulo: nVersos, 2012.

SCHROEIDER, Cibele Fabrício Sampaio. **A importância da afetividade no processo de ensino-aprendizagem.** Rev. Educar FCE, Vol. 18, Mar, 2019.

STÜRMER, P. A.; UMBELINO, J. D. **Dificuldades de aprendizagem nos anos iniciais do ensino fundamental:** por que as crianças não aprendem? Perspectiva, Florianópolis, v. 38, n. 1, p. 1-23, 2020.

TWARDOSZ, S. **Effects of experience on the brain:** the role of neuroscience in early development and education. Early Education & Development, v. 23, n. 1, p. 81-101, 2012.